

facebook.com/manuscritoeditora

© 2018

Direitos reservados para Letras & Diálogos,
uma empresa Editorial Presença,
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Título original: Alice no País das Sapatilhas – Tirem-me deste filme

Autora: Susana Tavares

Copyright © Susana Tavares, 2018

Copyright © Letras & Diálogos, 2018

Capa: Sofia Ramos / Editorial Presença

Fotografia da autora: Rui M. Leal

Paginação: Trisha Apple / Fontes: Avenir e Autour One

Ilustrações: Shutterstock

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-8871-54-1

Depósito legal n° 441967/18

1ª edição, Lisboa, julho, 2018

ÍNDICE

Prólogo	9
A culpa é das estrelas (e dos meus pais)	15
No centro de todas as atenções	27
Isto só pode ser um pesadelo... (Acorda!)	61
Adeus Lisboa, olá Trás-os-Montes!	73
Acordar e conhecer a vizinhança	87
Um lugar demasiado pequeno	101
Está declarada a guerra!	127
Uma experiência sociológica	153
Em contagem decrescente	181
Um aniversário diferente	201

PRÓLOGO



Quem sou eu?



Quem diz que a adolescência é complicada tem mais de 30 anos, de certeza. Ser adolescente é a melhor coisa do mundo! E eu sei disso porque tenho 15 anos, zero borbulhas, um namorado, duas melhores amigas incríveis e milhares de planos para o futuro. Ah, e um blogue. Mas esse faz parte dos meus planos para o futuro.

O meu sonho é ser *fashion blogger*. Os meus pais acham que isso não é profissão, mas quando eles eram da minha idade nem sequer existiam redes sociais. E agora até existem gestores de redes sociais.

«Isso lá é cargo de gestão?!», protesta o meu pai.

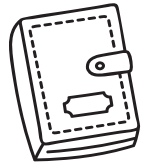
Ele é gestor numa grande empresa, tal como a minha mãe, e ambos ficam fulos quando lhes falo dos gestores de redes sociais.

«Passar o dia a navegar na Internet, a publicar comentários e fotografias, não é uma verdadeira profissão», diz a minha mãe.

E eu respondo-lhe o mesmo de sempre: «Se nos pagam para fazê-lo, então é.» Ela cala-se.

Quem me conhece, sabe que tenho resposta na ponta da língua para tudo. A dona Mina chama-me muitas vezes respondona. Para quem não sabe, a dona Mina (Maria Guilhermina para os amigos) veio trabalhar cá para casa antes mesmo de eu nascer. É assim uma espécie de mãe-conselheira dos meus pais e minha avó de faz-de-conta.





Com sessenta e tal anos, a dona Mina fica à nora quando lhe digo que quero ser *blogger*: «A menina quer ser o quê?!», pergunta-me ela, muito baralhada. E eu vou inventando explicações estapafúrdias só para a confundir. Do género «blogue é o maior planeta da galáxia de Digitus, para onde eu tenciono mudar-me quando fizer 18 anos». Ou «ser *blogger* é uma espécie de vocação, um chamamento da entidade sagrada da tecnologia». LOL.

Uma vez, tentei falar-lhe a sério sobre o universo dos blogues. Disse-lhe que um blogue é um diário público, onde falamos sobre a nossa vida e sobre o que nos apaixona, para que os outros possam ler e identificar-se connosco. E ela pareceu ainda mais confusa.

«Oh, menina, no meu tempo os diários trancavam-se a sete chaves para ninguém os ler.»

Talvez a dona Mina tenha razão, os tempos mudam. E ainda bem, porque não me apetecia nada ter nascido antes da Internet.

Desconfio que a má fama da adolescência vem dos tempos em que não havia Internet. Passar horas enfiada numa biblioteca, na falta de um motor de busca para nos facilitar a vidinha?! Não, obrigada! Então e como é que conquistávamos o bonzão do colégio, sem os *likes*, as janelas de *chat* e os *emojis* fofinhos?

Ah, e não me venham com a típica conversa moralista dos adultos, de que a Internet vicia a juventude e blá-blá-blá. Eu sou uma adolescente infinitamente mais feliz porque tenho a Internet. E não falo só por mim, mas por todos os adolescentes do mundo: obrigada, tecnologia! Mil vezes obrigada!

Nota para mim mesma: se algum dia for coroada Miss Mundo, não esquecer de incluir este agradecimento!

Outra nota para mim mesma: se algum dia inventarem uma máquina de viajar no tempo, não entrar!

A adolescência na era pré-Internet deve ter sido um daqueles períodos históricos sinistros, tipo Idade Média. E não é preciso ler nenhum livro de História para perceber isso mesmo. Basta-me ouvir as histórias da dona Mina sobre a infância dela numa aldeia transmontana onde nem sequer havia eletricidade. Ou ver as fotos embaraçosas dos meus pais quando eles tinham a minha idade. OMG! Nem as piores contas de Instagram superam o álbum de fotografias dos meus pais.

Crescer na era das *selfies* e das *apps* de edição de imagem tem uma enorme vantagem: todas as nossas fotos ficam bem! OK, não são toooooooodas, mas isso ninguém precisa de saber (nem de ver!), certo? O que conta é o que nós decidimos tornar público, e eu tenho uma regra elementar: se não serve para o Pinterest, DELETE! Um dia, os meus filhos vão agradecer-me.

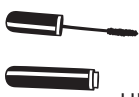
Podem chamar-me fútil à vontade, mas eu acho que a imagem é superimportante! Especialmente na adolescência. Alguma vez conheceram um adolescente que não ligue à roupa que veste ou aos sapatos que calça?

A afirmação de estilo é uma condição obrigatória da adolescência. *Dreads*, betos, *hipsters*, góticos, coquetes, alternativos... Diz-me como te vestes, dir-te-ei quem és!

Eu, por exemplo, gosto de conjugar peças clássicas com outras mais extrovertidas. Nunca saio de casa sem maquiagem (ou pelo menos sem base e rímel, o meu mínimo



obrigatório) e uso sempre, SEMPRE, sapatilhas. São peças intemporais, versáteis, e tenho dezenas de pares para todos os looks e ocasiões.



Suponho que o melhor rótulo para me definir seja «*fashion addicted*». É exatamente assim que me sinto, uma viciada em moda, e não tenho vergonha nenhuma de o assumir.

O meu blogue – Alice no País das Sapatilhas – nasceu dessa minha paixão por moda em geral, e por sapatilhas, acessórios, maquilhagem e produtos de beleza em particular. Sou EU, num blogue. Looks do meu dia a dia, tutoriais de maquilhagem, truques e dicas de beleza, misturados com confidências e dramas de adolescente (quem não os tem ou teve, que atire a primeira pedra – em *emoji*, claro).

Ser adolescente é espetacular, mas não quer dizer que seja «*drama free*». Pelo contrário, «drama» e «adolescência» são praticamente sinónimos. Já pensaram bem no que significa ser adolescente? Temos a vida toda pela frente e o poder de decidir quem queremos ser? As possibilidades são infinitas... Assim como a pressão dos nossos pais para nós sermos e fazermos aquilo que eles querem!

Alguém tem de o dizer: se não fossem os pais, e a mania que eles têm de controlar a nossa vida, a adolescência era ainda melhor!

Daqui a um mês, mais coisa menos coisa, faço 16 anos. É um aniversário importante! A Alice que eu vou ser no futuro define-se agora... E eu estou convencida de que vai ser um aniversário muito especial. Não sei porquê, mas sinto que algo está prestes a acontecer que vai mudar a minha vida para sempre. Estou em pulgas para saber o que é... Vocês não?

Sejam bem-vindos! Acabaram de entrar no diário da minha adolescência. Fiquem desse lado! E não se preocupem com o que já perderam porque o melhor, tenho a certeza, ainda está para vir... XOXO.



Da vossa adolescente preferida,
Alice





— Menina Alice, largue lá o computador. São horas de jantar.

A dona Mina espreita do corredor, pela porta entreaberta do meu quarto. Faz logo aquele ar de xerife assim que me vê sentada de cócoras na cama com o portátil ao colo.

— Ainda está para nascer o dia em que eu não a encontre agarrada a essa geringonça — diz-me.

— Estou só a atualizar o meu perfil — sorrio, enquanto ela me faz um novo olhar de reprovação. Está visto que não percebe patavina do que lhe disse. — A sério, eu vou já.

— Os seus pais têm um anúncio a fazer, menina. Não se atrase.

Um anúncio?! Será que tem alguma coisa a ver com o meu aniversário? Eu sei que ainda falta um mês para o grande dia, mas talvez eles queiram dizer-me que decidiram oferecer-me a *Vespa*® que eu ando a pedir-lhes há séculos. OMG, isso era brutal!

Tirar a carta de condução vai ser a minha primeira resolução dos 16 anos. Qualquer adolescente que se preze sonha em ser independente e deslocar-se sem precisar de boleia. E eu tenciono ser a miúda fixe ao volante de uma *Vespa*® cheia de estilo.

Entre os presentes de aniversário que eu quero mesmo muito (logo depois da carta de condução e da *Vespa*®) está o último modelo das *Vans*®. As novas sapatilhas da marca estão esgotadíssimas no *site* há meses, mas isso vai deixar de ser um problema porque amanhã é o lançamento da coleção em Portugal... E eu vou lá estar, para comprar as *Vans Old Skool*®

metalizadas. São totalmente a minha cara: clássicas, mas com um toque de irreverência.

Ups. Com a interrupção da dona Mina, esqueci-me de carregar no ENTER. OK, agora já está! «Perfil atualizado.»

É a terceira vez que atualizo o perfil desde que tenho o blogue. Suponho que seja o preço a pagar por uma vida de adolescente em constante mudança. E por falar em mudança: tan-tan-tan-tan... Rufos de tambores, por favor.

Eu e o Mateus Vilaça começámos a andar nestas férias da Páscoa! «E quem é o Mateus?», perguntam vocês. O Mateus é simplesmente o rapaz mais giro do colégio e a minha MEGA paixoneta desde que ele veio transferido de outra escola, no ano passado. O facto de ele ser mais velho do que eu só o torna mais interessante. Afinal, toda a gente sabe que um rapaz de 18 anos é assim uma espécie de «*must have*» entre as miúdas do secundário. E a concorrência pode ser feroz quando inclui praticamente todas as miúdas do 12.º ano. Mas adivinhem quem ganhou? EU! Ah, ah!

Tudo começou com um *post* que eu escrevi sobre a seca que é passar as férias sozinha na cidade, quando todos os nossos amigos vão para fora. Ele respondeu e, quando dei por ela, estávamos a combinar uma ida ao cinema através do *chat* do Facebook!

Fomos ver *A Culpa É das Estrelas*, um dos meus filmes preferidos de todos os tempos e, claro, a melhor escolha para a ocasião. Nem todos os rapazes deixam a rapariga escolher o filme, mas ele ganhou logo pontos pelo cavalheirismo.



A Culpa É das Estrelas conta a história de dois adolescentes que se apaixonam enquanto lutam contra doenças terminais. OK, pode ser um bocadinho



dramático para filme de primeiro encontro, mas também é uma história linda e super-romântica. O filme perfeito para ver com o Mateus ao meu lado.

Ele comprou pipocas para partilharmos e pegou-me na mão quando o Gus e a Hazel se deitaram no chão, a olhar para as estrelas. *Timing* perfeito! No final, à porta do cinema, demos um beijo de despedida e o Mateus confessou-me que se sentia atraído por mim desde a primeira vez que me viu. Ahhhhhhhhhh! Só me apetecia dizer-lhe: «Eu também, eu também!!!»... Em vez disso, fiz a minha melhor cara de surpresa e disse-lhe com o ar mais natural que consegui: «Eu também já tinha reparado em ti.» Cof, cof. Uma miúda não pode entregar logo todas as cartas!

A partir dessa noite, eu e o Mateus temos saído todos os dias. Cinema, praia, *shopping*... A melhor parte de começar a namorar nas férias é que não precisamos de dividir o nosso namorado com as aulas, com os amigos e muito menos com os olhares das invejosas do 12.º ano.

Por falar em inveja, as minhas amigas iam caindo para o lado quando lhes contei que namorava com o Mateus! Estivemos horas no WhatsApp: eu a fazer-lhes um relato pormenorizado de como tudo aconteceu e elas a fazerem-me perguntas parvas. Foi, muito provavelmente, a nossa conversa de WhatsApp mais longa de sempre! Coitada da Juju quando receber a conta de *roaming* de dados do telemóvel...

A Juju viajou com a mãe para os Alpes e a Carlota passou a Páscoa no Algarve. Eu não fui para lado nenhum porque os meus pais tiveram de cancelar as férias à última hora por motivos de trabalho e então fiquei encalhada em Lisboa. O que me pareceu um pesadelo ao início, mas que acabou por se

tornar bastante conveniente porque o Mateus também não saiu da cidade. Coisas do destino... Ou das estrelas!



Conclusão: as férias que se adivinhavam uma verdadeira tortura transformaram-se nas melhores férias da minha vida. Só é pena que estejam quase a acabar porque amanhã começam as aulas. Snif!



— Pensei que tínhamos concordado que não havia tecnologia à hora das refeições.

O meu pai odeia que eu esteja sempre *online*. Aliás, nem preciso de estar *online*... Basta que ele me veja com o telemóvel na mão para começar a stressar.

— OK, OK. Estava só a combinar a minha boleia para amanhã. — E guardo o telemóvel, antes de me sentar à mesa.

— A Juju vem buscar-te? — pergunta a minha mãe.

— Hum, por acaso amanhã tenho outra boleia — respondo-lhe, meio envergonhada, e apresso-me a mudar de assunto. — Por falar em boleias, sei que têm alguma coisa para me contar. Sou toda ouvidos!

O meu pai troca olhares com a minha mãe. Os dois ficam em silêncio durante alguns segundos e eu fico em suspense. «Por favor, digam Vespa®! Por favor, digam Vespa®!»

— O que te queremos dizer não tem nada a ver com a lambreta que nos andas a pedir há meses. Se é a isso que te estás a referir.

«Ooohhh.» E depois o meu pai continua.

— Eu e a tua mãe decidimos fazer uma mudança radical nas nossas vidas.

«Oh, não, eles vão separar-se!» Como é que eu não desconfiei disso antes? Todos os pais das minhas amigas são separados, todinhos. É a nova moda das famílias modernas: o divórcio. Mas, sinceramente, achei que os meus pais eram diferentes. Que eram felizes e gostavam realmente um do outro.

Já sei! Deve ter sido o excesso de trabalho que os afastou. Os dois são completamente viciados no trabalho. Fazem horas

extra todos os dias e até ao fim de semana têm «assuntos pendentes para resolver». Nenhuma relação sobrevive a isso!

— Nós chegámos à conclusão que as nossas vidas não podem continuar como até agora.

A confissão da minha mãe diz tudo. É oficial, vou ser finalmente convidada para o grupo de Facebook «Filhos de Pais Divorciados».

— Há meses que não fazemos um programa em família, andamos sempre focados no trabalho, sem tempo para mais nada... E sentimos que não te estamos a dar o melhor exemplo.

— O melhor exemplo?! — questiono, baralhada.

— Sempre te demos tudo o que nos pediste.

«Verdade. Menos a Vespa®.»

— Sempre tentámos compensar-te pelo facto de trabalharmos muito e sermos pais ausentes.

— Não percebo qual é o mal disso. Eu nunca me importei — argumento, para tentar dissuadi-los.

— Nós sabemos que não te importas, muito pelo contrário. Aproveitas para passar o tempo todo *online*, no computador ou ao telemóvel. E isso não é saudável.

«Pronto, lá vem a conversa moralista dos adultos.» O meu pai devia inscrever-se como ativista antiprogresso ou algo do género. Chiça! Nunca conheci ninguém tão alérgico à tecnologia.

— Bom, tudo isto para te dizer que eu e a tua mãe estamos a pensar deixar os nossos empregos.

«O quê?!»

— Queremos tornar-nos empresários em nome individual, criar a nossa própria empresa, gerir melhor o nosso tempo...

«Ufa, tanta coisa só para me dizerem isso?!» Que dramáticos!

— E estão a dizer-me isso porque...? — interrompo.
— Gostávamos de ouvir a tua opinião — diz o meu pai.
— Por mim, é na boa.
— Nós ainda não acabámos, Alice — continua a minha mãe. — Queremos que nos digas o que achas de fazermos isso em Rolhas.

«Será que ouvi bem?»

— Em Rolhas?! Como assim? Na terra dos avós?



MIAAAAAAAU! Os miados da *Chiara*, que se esfrega nas minhas pernas à procura de mimos, distraem-me por momentos. Eu pego-lhe para que ela se cale, enquanto tento perceber melhor a novidade.

— Como é que vocês vão gerir um negócio a centenas de quilómetros daqui?! Rolhas não fica para lá do sol-posto?

— Nós não tencionamos gerir o negócio à distância. Tencionamos mudar-nos para lá!

Nesse preciso instante, a dona Mina pousa a travessa do jantar em cima da mesa e solta um «bom apetite» que me soa completamente desajustado àquela situação. Até porque eu acabei de perder o apetite.